

Violência antigênero na perspectiva sociocognitiva crítica

Tânia Gastão Saliés¹

Ana Vitória de Queiroz Silva²

Resumo

No presente artigo, analisa-se a metáfora violência é sujeira em 24 relatos pessoais postados no *Facebook* por mulheres vítimas de violência antigênero. Para tal, recorre-se à abordagem sociocognitiva-discursiva (Kövecses, 2020; Muéles; Romano, 2023) e crítica (Romano, 2018; Musolff, 2016) da metáfora para responder a seguinte questão: que relação as narradoras estabelecem com a violência sofrida a partir das pistas linguístico-discursivas que sinalizam a metáfora violência é sujeira? Segundo a análise empreendida, os espaços mentais que se abrem no discurso *on-line* são estruturados pelo domínio emoção e por *frames* de relações causais que se materializam nos relatos na forma de sentimentos primários, como o nojo, e secundários, como a aversão da mulher a si própria. A mulher percebe-se ou percebe o agressor como objeto ou substância repugnante, causadora de nojo e descartável. O viés teórico-metodológico assumido escancara as relações de poder fincadas no patriarcado e mostra ser o *Facebook* um espaço sociopolítico de resistência.

Palavras-chave: Metáfora multiníveis. Violência antigênero. Perspectivação. *Facebook*

Data de submissão: março. 2024 – Data de aceite: abril.2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i2.15680>

¹ PhD em Linguística. Professora titular de Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <http://orcid.org/0000-0002-7564-7912>. E-mail: tancias.salies@gmail.com

² Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UERJ. Bacharel em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. <https://orcid.org/0009-0001-4228-4633> E-mail: queirozanavitoria@gmail.com

Introdução

À luz da Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1980), metáforas são construtos sociocognitivos, simbólicos, que moldam a percepção, crenças, ideologias, valores e ações de quem as enuncia. Nesse sentido, não só descrevem, mas constituem a realidade desse enunciador, que, ao empregá-las, sublinha alguns aspectos mais facilmente compreensíveis em um dado domínio conceitual, ao mesmo tempo em que apaga outros menos perceptíveis. Neste artigo, analisa-se a metáfora *VIOLÊNCIA É SUJEIRA*³ que descreve e constitui a realidade enfrentada por mulheres vítimas de vários tipos de violência antigênero. A compreensão dessa metáfora pode promover não só a conscientização sobre as formas de violência impetradas contra a mulher, mas também sobre o que as narradoras pensam e como se comportam em relação à violência. Elas podem tanto reforçar o *status quo* e aspectos de sua vulnerabilidade ou posicionarem-se como agentes de mudança.

Para iluminar tal questão, recorre-se ao conceito de conceptualização. Langacker (2008) o define como um processo cognitivo dinâmico que resulta, dentre outros fatores, do somatório de experiências sensório-motoras, emocionais e intelectuais; da apreensão dos contextos físico, linguístico, social e cultural; e do processamento de conceptualizações que vieram se desenvolvendo ao longo da vida. Mesmo que a conceptualização aconteça no cérebro, diz o autor, ela emerge do contexto em todas as suas dimensões (social, histórica, perceptual, emocional, física, política): “Deveria ser entendida como uma forma fundamental de nos engajarmos no mundo”⁴ (Langacker, 2008, p. 29, tradução nossa).

O fenômeno a ser examinado, a violência antigênero, é definido pela Organização dos Estados Americanos (OEA, 1994) como “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”. Já Bandeira (2014) vincula esse fenômeno às desigualdades sociais, históricas e culturalmente referendadas pelo judiciário ou às práticas fincadas em nossos costumes por influência de um grupo majoritariamente masculino, detentor do poder há séculos. A violência antigênero, segundo a autora, nasce da hegemonia do poder masculino e da condição de subalternidade feminina. Tal subalternidade baseia-se na hierarquia de gênero, que atribui papéis ao homem e à mulher e naturaliza as violências sofridas por ela nos âmbitos social e doméstico.

Um recente avanço pela igualdade entre os gêneros, rumo ao almejado fim da violência de gênero contra a mulher, foi o julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, a ADPF 779 (BRASIL, 2021), na qual o Supremo Tribunal Federal

³ Seguindo a notação adotada por pesquisas em Linguística Cognitiva, o artigo redige em versalete referências textuais às representações cognitivas, sejam elas categorias, metáforas, metonímias ou esquemas imagéticos.

⁴ No original: “Conceptualization should be seen as a primary means of engaging the world”.

julgou inconstitucional a tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio ou de agressão contra mulheres. Anteriormente a esse referendo do STF, o argumento era de que o assassinato ou a agressão eram justificáveis se a conduta da vítima fosse percebida como uma afronta à honra do agressor. O Código Civil de 1916 (BRASIL, 1916, Lei n.º 3.071), institucionalizava a hierarquia dos homens sobre as mulheres, pois não só a mulher era concebida como relativamente incapaz ao estar casada (artigo 6º, inciso II), como era obrigada a pedir autorização ao marido para poder trabalhar (artigo 233, inciso IV). Em outras palavras, a ADPF 779 do STF (BRASIL, 2021) enfrenta o machismo estrutural e a impunidade imperante até então e sinaliza que nada justifica a violência contra a mulher.

Leis anteriores à ADPF 779 (BRASIL, 2021) vêm igualmente combatendo o fenômeno. Dentre elas, a Lei nº 13.104 (BRASIL, 2015) que reconhece o feminicídio como crime qualificado e o inclui na lista de crimes hediondos. À luz dessa Lei, o feminicídio é um homicídio qualificado sujeito a penas que variam de 12 a 30 anos. Na categoria, estão incluídos a violência doméstica e familiar, o menosprezo ou a discriminação à condição de mulher da vítima.

Apesar dos avanços na legislação, as estatísticas insistem em nos chocar perante o número crescente de feminicídios cometidos por parceiros. Em 2002, foram 495 casos de feminicídio consumados por pessoas do círculo familiar (REDE DE OBSERVATÓRIOS DE SEGURANÇA, 2024). Nesse mesmo ano, segundo a mesma fonte, 2.443 mulheres foram vítimas de algum tipo de violência. Em 2023, o número de casos escalou, e a Rede de Observatórios de Segurança (2024) registrou o maior número de feminicídios no Brasil. Foram 1.463 vítimas, uma morte a cada seis horas. Em entrevista a Barreto (2024), Samara Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, declarou que “os dados demonstram um contínuo crescimento da violência baseada em gênero no Brasil, do qual o indicador de feminicídio é a evidência mais cabal”.

São esses os fatos que inspiraram o desenvolvimento do estudo sobre a metáfora VIOÊNCIA É SUJEIRA em postagens de 24 mulheres no *Facebook*. Soma-se a eles a ausência de estudos anteriores que tenham investigado as raízes da perspectivação da violência como SUJEIRA. A elucidação e sensibilização sobre os tipos de EVENTOS que resultam nessa conceptualização pelas narradoras pode vir ao encontro do objetivo proposto e do enfrentamento de um fenômeno que persiste historicamente. Para tal, o artigo recruta a abordagem sociocognitiva-discursiva (Kövecses, 2020; Muéles; Romano, 2023; Saliés; Soares da Silva, 2023) e crítica (Romano; Porto, 2018; Fairclough, 2001; Musolff, 2016) da metáfora, conforme desenvolvida no arcabouço teórico.

1 Violência antigênero na abordagem cognitivo-discursiva crítica

Estudos que investigaram a violência contra a mulher à luz de um paradigma cognitivo-discursivo são poucos (Carneiro, 2014; Vanin *et al.*, 2018; Mueles; Romano, 2023; Ferreira da Costa *et al.*, 2022). Enquanto Carneiro (2014) recorreu a Cameron (2007) para examinar a interação em um grupo focal formado por seis mulheres vítimas de violência doméstica, Vanin *et al.* (2018) recorreram à Teoria da Metáfora Conceptual (Johnson; Lakoff, 1980) para examinar as projeções metafóricas no texto *Os Vendilhões*, da jornalista Eliane Brum, que problematiza a votação da PEC 181/2015, sobre o direito ao aborto. Carneiro (2014) identificou o agrupamento dos veículos metafóricos e as metáforas sistemáticas, tópicos discursivos e suas interligações. Dentre os resultados encontrados pelas autoras, destacamos a metáfora sistemática VIOÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUICÃO (Carneiro, 2014) e DOMINAR O CORPO FEMININO É VIOLENTÁ-LO (Vanin *et al.*, 2018).

Em termos metodológicos, tal qual empreendido neste artigo, a Linguística de Corpus e o programa *AntConc* (Anthony, 2012) são utilizados por Vanin *et al.* (2018) para identificar os gatilhos das possíveis metáforas relacionadas ao domínio CORPOS FEMININOS. Tanto Carneiro (2014) quanto Vanin *et al.* (2018) remetem à assimetria de poder fincada no patriarcado como explicação para a violência de gênero contra a mulher. Segundo as autoras, a cultura machista faz da mulher um OBJETO, como também atesta o estudo de Ferreira da Costa *et al.* (2022).

Esse estudo, em especial, agregou a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001) à Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987) ao analisar um *blog* mantido por alunas de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília (UnB). Nele, a categorização⁵ prototípica de ‘homem’ coaduna-se com a de macho e a de ‘mulher’ com o sexo frágil, estereótipos socioculturalmente construídos.

Em contrapartida, Muéles e Romano (2023) demonstram haver mudanças longitudinais na conceptualização de violência de gênero contra a mulher na Espanha. As autoras recorreram à abordagem sociocognitiva-crítica, como o fizeram Ferreira da Costa *et al.* (2022), na análise longitudinal de cartazes comemorativos ao Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra Mulheres na Espanha de 2005 a 2022. Ao longo dos anos, o público-alvo dos cartazes sofreu alterações, deixando de ser constituído apenas por mulheres e passando a ser constituído pela sociedade em geral, homens inclusive. Os

⁵ Trata-se de um processo cognitivo em que entidades percebidas como semelhantes são alocadas em um mesmo grupo ou categoria, organizando o conhecimento de mundo. As categorias mais recorrentes e fáceis de serem recuperadas da memória de longo prazo são as mais prototípicas e naturalizadas. Os mecanismos mais comuns de categorização são as metáforas e as metonímias. Enquanto a metáfora envolve dois domínios (uma fonte e um alvo), a metonímia envolve um único domínio em que há um subdomínio merecedor de destaque (Lakoff, 1987), como, por exemplo, em “muitas cabeças foram necessárias no projeto” em que cabeça é uma parte do corpo humano/ seres pensantes especializados (PARTE-TODO).

cenários metafóricos (Musolff, 2009) convidam a sociedade a enfrentar a violência de gênero e ativam *frames* sociais e cognitivos que conceptualizam as mulheres como cidadãs ativas e não vítimas submissas.

Um papel semelhante emerge de metáforas presentes nas resoluções do Conselho de Segurança da ONU sobre mulheres, paz e segurança (De La Rosa; Lazaro, 2017). Principalmente nas resoluções 2106 e 2022, há pistas linguístico-discursivas que sustentam a metáfora MULHERES SÃO AGENTES DE MUDANÇA. Ao invés da vulnerabilidade enfocada na metáfora MULHERES SÃO VÍTIMAS, fica em destaque o empoderamento da mulher como capaz de contribuir para as questões de segurança abordadas pelo Conselho.

Já Silva (2021) levanta as metáforas conceptuais presentes em 112 narrativas de mulheres vítima de violência a partir de grupos fechados de *Facebook* e as analisa à luz da Teoria Multiníveis da Metáfora (Kövecses, 2017; 2020). O propósito foi chegar à categorização de VIOLÊNCIA e aos efeitos de prototipicidade passíveis de gerarem uma categoria radial. Os resultados obtidos pela autora apontam para um protótipo — VIOLÊNCIA É FORÇA CONTRA CONTÊINER — com base no número de ocorrências e no atributo ‘manipulação pela FORÇA’ presente em todas as radiais (Silva, 2021, p. 98). A FORÇA, segundo ela, emerge dos relatos como física e psicológica, na forma de ameaças, ideologias e leis que regulam o que a mulher pode ou não fazer. As radiais ainda incluem, do centro para as margens, metáforas como VIOLÊNCIA É PERIGO, PUNIÇÃO, SUJEIRA, INVASÃO DO CONTÊINER, CAÇADA, DOENÇA, GUERRA, FILME DE TERROR, PRISÃO e CEGUEIRA, nesta ordem.

Caldeira *et al.* (2020), por sua vez, enfocam uma única metáfora dessa radial — VIOLÊNCIA É CAÇA — que no contexto discursivo deixa proeminente a representação da mulher como uma CAÇA e a do homem como um caçador, cujo papel é dominar a presa por meio de estratégias de subjugação que reforçam a existência de um regime patriarcal nos âmbitos familiar, social e legal. Cabe-nos ainda citar Álvaro (2017) que, diferentemente dos estudos anteriores, apropria-se dos conceitos de *self* e de perspectivação (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1999; Langacker, 2008) em uma análise semântico-cognitivo de entrevistas com mulheres de perfis diversos, publicadas no livro *Espelho de Vênus*. Seus resultados sublinham que as entrevistadas não reconhecem terem sido vítimas de violência antigênero.

Dentre os tipos de violência possivelmente enfrentadas pela mulher, encontram-se a violência física, sexual e verbal. A que talvez tenha recebido pouca ênfase é a verbal. Elisifa (2016), usando questionários e a observação pessoal de alunos do nível médio (71 mulheres e 35 homens), investigou-as, chegando à conclusão de que seis são os temas que povoam esse tipo de violência: a pejorização, assexualização, animalização, feminização, masculinização e idiotização da mulher. A sexualização, na interpretação da autora, é a

mais conhecida, pois envolve o uso de comportamentos psicosssexualizados que fomentam insultos em que os proferimentos dirigidos à mulher envolvem as partes do corpo feminino, seus atributos (“gostosa”, por exemplo) e o ato sexual. O propósito do agressor, diz a autora, é deixar a mulher desconfortável e provocar nela a sensação de que esteja infringindo normas sociais que ditam como lidar com a sexualidade. Insultos verbais dessa natureza posicionam a mulher como vítima da imoralidade sexual e antissocial do homem e a fazem parecer uma leviana ou mesmo uma prostituta.

Em síntese, nenhum dos estudos resenhados anteriormente examinou a conceptualização de violência como sujeira (VIOÊNCIA É SUJEIRA), metáfora essa presente na quarta radial do estudo de Silva (2021). Do mesmo modo, nenhum deles buscou elucidar a relação que mulheres-vítimas estabelecem com as cenas de violência sofridas ou as raízes de sua perspectivação do fenômeno como SUJEIRA. Esse artigo inova ao fazê-lo.

2 Conceitos norteadores da análise

A diferença entre domínio-alvo e domínio-fonte é chave para o entendimento do que é uma metáfora à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980). Para defini-los, recorre-se à metáfora conceptual VIOÊNCIA É SUJEIRA, objeto deste artigo. A sujeira é um fenômeno que pode ser observado concretamente pelos nossos olhos quando há matéria impura em contato com o nosso corpo, roupas, objetos ou espaços de vida. Pode também consistir em matéria orgânica ou mineral descartada pelo uso, como o lixo que jogamos fora. Por fim, pode ainda ser matéria excretada, como as fezes, a urina, o suor e o muco nasal, todas geradas pelo corpo humano.

Já a violência é uma categoria complexa que engloba o uso da força física, da tortura psicológica, de linguagem abusiva, de constrangimento moral contra outra pessoa, dentre outros elementos passíveis de constituir esse domínio. Para dar conta de tal complexidade, todas as formas de se sujeitar alguém a fazer alguma coisa pelo uso da força, da opressão ou de constrangimento moral teriam que ser elencadas, tarefa nada fácil. Em outras palavras, SUJEIRA é o domínio-fonte e VIOÊNCIA é o domínio-alvo, pois entendemos o alvo em termos de elementos presentes na fonte, que é o domínio mais concreto e mais fácil de se compreender. Nesse caso, violência seria compreendida como atos impuros ou sujos, ou ainda como palavras e atitudes que subjagam, oprimem e melindram a mulher. No entanto, o domínio-fonte apresenta um número alto de elementos conceptuais que não são mapeados para o domínio-alvo.

Visando sanar essa dificuldade, Kövecses (2017) introduz a Visão Multiníveis da Metáfora, que além da ilustrada relação entre domínios, propõe que a significação das

metáforas conceituais seja explicada em quatro níveis. Além disso, o autor demonstra que, para compreendermos esses mapeamentos, não bastaria apenas as funções cognitiva e experiencial (Kövecses, 2020, 2015). Seria necessário adotar um componente contextual, pois elementos do contexto, como a própria cultura, podem conferir melhor adequação explanatória aos processos metafóricos. Os multiníveis propostos pelo autor são: o nível (1) dos esquemas imagéticos; o (2) dos domínios; o (3) dos *frames*; o (4) dos espaços mentais e o (5) do contexto, que interage e motiva os quatro anteriores. Esses níveis diferem quanto ao grau de esquematicidade⁶ ou grau de especificação (Langacker, 2008, p. 19, tradução nossa), formando uma hierarquia em que não há fronteiras rígidas entre os elementos, a exemplo do que acontece na categorização humana (Lakoff, 1987) - as fronteiras entre os níveis são fluidas.

Segundo Langacker (2008, p. 56, tradução nossa)⁷, “a esquematicidade é instanciada sempre que haja membros mais específicos que elaborem especificações mais refinadas” de uma categoria. Dentre os níveis mais esquemáticos, encontram-se o nível 1, que é subindividual; o (2) e o (3), que são supraindividuais; e o (4), que é individual. Esses níveis de significação emanam do contexto linguístico-discursivo, social e cultural.

Os *esquemas imagéticos* emergem de experiências vividas por nossa ação no mundo desde a mais tenra idade; por exemplo, ao manipularmos objetos e encaixarmos um no outro, esquematizamos ações como DENTRO-FORA de um CONTÊINER; ao nos movimentarmos de um ponto ao outro esquematizamos uma TRAJETÓRIA. “Comportam-se como ‘destiladores’ das experiências espaciais e temporais” (Oakley, 2012, p. 215, tradução nossa)⁸ ou versões esquemáticas de “rotinas que coordenam várias ações, tais como sentir, perceber, mover-se e conceptualizar no mundo tridimensional” (Oakley, 2012, p. 214, tradução nossa)⁹, refletindo aspectos universais da conceptualização (Lakoff; Johnson, 1980). Daí pertencerem ao nível subindividual. Na metáfora conceptual extraída do *corpus*, VIOLÊNCIA É SUJEIRA, pelo menos dois esquemas imagéticos são acionados: as noções de FORÇA e de CONTÊINER. O CONTÊINER, neste caso, é o próprio corpo da mulher que experiencia a manipulação da FORÇA vinda de fora de seus limites, sobre si, e que é exercida pelo homem sem sua aquiescência.

No nível supraindividual, encontram-se os *domínios* e *frames*, estruturas cognitivas localizadas na memória de longo prazo e que refletem os padrões socioculturais dos falantes da língua. Domínio, para Kövecses (2017, p. 325), é um conceito que vai além da

⁶ No original: “A second parameter along which they [lexical items] vary is schematicity, or its converse specificity, pertaining to the precision and detail of their characterization.”

⁷ No original: “A schematic characterization is instantiated by any number of more specific ones, each serving to elaborate its coarse-grained specifications.”

⁸ No original: “Image-schemas behave as ‘distillers’ of spatial and temporal experiences”.

⁹ No original: “Such routines involve the coordination of multiple acts of sensing, perceiving, moving, and conceptualizing in a three-dimensional world”.

caracterização da unidade semântica. Por isso, o autor refere-se a ele como domínio matriz, pois há nele uma riqueza de informações que o torna mais esquemático. Segundo Ferrari (2014), os domínios incluem “experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados de conhecimento” (Ferrari, 2014, p. 59). Por isso, aparecem logo abaixo dos *esquemas imagéticos* e acima dos *frames*. Esses, por sua vez, são estruturas cognitivas que refletem as situações comunicativas nas quais a língua é usada ao recortá-las e ao armazená-las na memória de longo prazo como um sistema de conhecimento (Ferrari, 2014; Fillmore, 1982).

No português brasileiro, em um *frame* de agressão, “pegar” em “antes da polícia chegar, ele me pegou muito”, significa bater, agredir fisicamente. Já em um *frame* sexual, “a festa hoje vai ser uma pegação só”, significa contato físico entre homens e mulheres. Ou seja, diferenças nos domínios sociais de uso da palavra implicam em papéis e relações diferentes entre eles. Cada um é preenchido por valores específicos. No primeiro caso, há os papéis de agressor e de vítima. No segundo, há os papéis de homem e mulher, mulher e mulher, homem e homem interessados em manter contato físico. No âmbito do *corpus* aqui utilizado, os domínios que possivelmente surgem no domínio matriz acionado pela metáfora conceptual *VIOÊNCIA É SUJEIRA* são os domínios *PERCEPÇÃO* e *EMOÇÃO*. Já dentre os possíveis *frames* encontram-se interação *DE NATUREZA SEXUAL FORÇADA*, *DESCARTE DE MATERIAIS* e *REPUGNÂNCIA AO CONTATO FÍSICO*, como veremos na análise.

No nível individual, há os *espaços mentais* ou o sistema cognitivo-metafórico utilizado pelas narradoras das histórias. Segundo Fauconnier e Turner (2002), consistem em estruturas conceptualmente mais elaboradas, pois preenchem os papéis e as relações acionadas pelos *frames* no discurso em tempo real e conforme a situação comunicativa. Como são estruturas cognitivas parciais, temporárias e construídas *on-line*, os *espaços mentais* são organizados por outras estruturas mais estáveis, que residem no conhecimento de longo prazo, como os *frames* e seus elementos. É essa dinâmica que permite a compreensão local do que acontece no discurso.

Já o contexto é entendido por Kövecses (2020) como o espaço em que o significado reside; um somatório de tudo que é compartilhado entre os interlocutores. “Isso pode nos proporcionar uma nova arquitetura metodológica no estudo do significado metafórico na cognição e na cultura” (Kövecses, 2020, p. 116, tradução nossa)¹⁰. Portanto, os contextos situacional, discursivo, cognitivo-conceptual e corporal fundam o uso da metáfora. Para entendê-los, há de se considerar: (1) os elementos que constroem o significado metafórico; (2) os fatores contextuais dos quais emergem as metáforas; (3) os mecanismos cognitivos responsáveis pela criação da metáfora no fluxo discursivo.

Para fins de exemplificação, voltamos à metáfora conceptual objeto deste artigo:

¹⁰ No original: “This can provide us with a new framework in the study of metaphorical meaning in cognition and culture.”

VIOLÊNCIA É SUJEIRA. No nível dos espaços mentais, há especificações relativas aos domínios e *frames* acionados no discurso e na situação comunicativa. Há elaborações do domínio PERCEPÇÃO e do *frame* REPUGNÂNCIA AO CONTATO FÍSICO nos espaços mentais associados aos excertos (1) e (2) e repugnância às palavras a ela dirigidas (“falar coisas nojentas”) em (3). Os proferimentos especificam como a mulher se percebe e se sente ao ser manipulada pelo homem de modo físico e verbal. Ela percebe a sua vagina como um material a ser descartado, tal qual o lixo (proferimento 1). Metonimicamente, como a vagina é PARTE do seu corpo, percebe o próprio corpo como lixo. Da mesma forma, em (2), elabora o domínio EMOÇÃO e o *frame* REPUGNÂNCIA AO CONTATO FÍSICO explicando por que passou a evitar relações sexuais com o marido: se sente *suja*. Em (3) a vulnerabilidade da mulher dá lugar à agente que usa FORÇA e CONTATO com o agressor para se proteger da violência antigênero e da ira do homem malsucedido no seu intento. Essas são informações que não estão contidas nos domínios e *frames*, que são mais esquemáticos, emergem *on-line* do discurso e se situam em contextos de violência contra mulher (as pistas linguístico-discursivas encontram-se em itálico).

(1) [...] Minha vontade até agora é de socar a cara dele. *Me sinto suja*, inútil, com vontade de *jogar minha vagina fora*. Sinto como se meu corpo não fosse meu.

(2) [...] Não consigo ter relações sexuais com meu marido *pq tenho nojo de mim* sabe o *sentimento de me sentir suja* por isso (um desses relatos meu marido sabe pq eu contei pra ele ele [...]).

(3) Eu tava na parada de ônibus, chegou um homem (um senhor já) bêbado. Ele ficou olhando muito pra mim, começou a *falar coisas nojentas* e veio na minha direção querendo pegar em mim. Eu dei um empurrão nele e disse pra ele não me tocar. Ele ficou bravo e se achou no direito de me bater, levantou a mão e pegou só de raspão em mim.

Por fim, resta-nos discutir o conceito de perspectivização conceptual na visão langackeriana (Langacker, 2008, p. 72). Nesse viés teórico, a perspectivização consiste no ponto de vantagem assumido em relação a uma cena em um dado contexto e ao modo como ela se desenvolve no correr do tempo. A mesma cena pode ser descrita de modos distintos e resultar desdobramentos igualmente distintos. No caso das cenas aqui analisadas, o ponto de vantagem é o das mulheres-vítimas de violência e inclui a percepção objetiva da experiência vivida por elas, já que elas próprias perfilam ou mantêm proeminente no discurso a metáfora VIOLÊNCIA É SUJEIRA por meio de menções explícitas ao lixo e à sujeira como atributos do domínio-fonte mapeados para o domínio-alvo. Inclui também a percepção subjetiva dessas mulheres, pois o modo como perspectivam as cenas vai muito além daquilo que elas vivenciaram, principalmente à luz dos contextos culturais, sócio-históricos e legais que modulam o sentido atribuído a essas experiências, balizando e beneficiando uma determinada perspectivização.

3 Metodologia

O *corpus* deste artigo é um recorte dos 112 relatos de mulheres vítimas de situações de violência, narrados em grupos fechados do *Facebook* e reunidos por Silva (2021), a segunda autora do presente estudo, em sua dissertação de mestrado¹¹. Constituem narrativas de vida (Linde, 1993), em primeira pessoa, que permitiram à Silva (2021) elencar os vários tipos de violência sofridos pelas mulheres participantes desses grupos. Por suas características de privacidade, os grupos fechados unem pessoas que vivenciaram experiências em comum ou têm interesse por dada temática. Só são visíveis para membros cadastrados. Silva integrou-se a eles como participante-observadora e, segundo sua observação, as mulheres-participantes visam mais do que compartilhar experiências. Elas parecem buscar a desnaturalização das relações de poder impostas pela ordem social e simbolizadas nos diferentes matizes da violência de gênero contra a mulher, inclusive a verbal e visual. Neste estudo em específico, examina-se 24 relatos em que as narradoras desabafam e compartilham entre si diferentes violências verbais, visuais e sexuais.

No processo metodológico-analítico, seguiu-se as etapas procedimentais sugeridas pelo grupo Pragglejaz (2007). O primeiro passo foi ler manualmente o *corpus* e identificar os possíveis gatilhos para a metáfora em tela¹², a quarta mais frequente em Silva (2021). Na sequência, verificou-se o número de ocorrências das expressões metafóricas relacionadas a ela com o auxílio do Dicionário Eletrônico Houaiss (2009) e do *AntConc* 3.2.4 (Anthony, 2012). O dicionário auxiliou a busca por termos a serem inseridos no *AntConc*, tendo como ponto de partida o significado dos elementos constitutivos do domínio-fonte da metáfora. Por exemplo, examinou-se o significado de “sujar”. Os termos mais concretos de sua definição dicionarizada constituíram os gatilhos inseridos no *AntConc* (dentre eles manchar, poluir, corromper, perverter e enojar). O programa permitiu a contabilização das ocorrências dos termos e suas variações, via gatilhos morfológicos como “suj*”, manch*, polui*, corromp*, pervet* e noj*. O programa também contribuiu com o conjunto de combinações e colocações que os referidos termos possuem no *corpus* por meio de sua ferramenta *Concordance*. Esses procedimentos nos permitiram responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Que pistas linguístico-discursivas apontam para os multiníveis da metáfora VIOLÊNCIA É SUJEIRA e possivelmente a explicam?
2. A partir dessas pistas e dos multiníveis da metáfora VIOLÊNCIA É SUJEIRA, que relação as narradoras estabelecem com as cenas de violência sofridas?

¹¹ Os dados aqui apresentados são inéditos assim como a análise empreendida.

¹² Para um panorama completo, remetemos o leitor a Silva (2021), que classifica as oito metáforas conceptuais mais encontradas nos 112 relatos, segundo sua frequência, assim como os gatilhos morfológicos correspondentes. A autora também elabora uma categoria radial de VIOLÊNCIA segundo essas metáforas e o seu contexto constitutivo.

3. Segundo os multiníveis da metáfora, como poderíamos explicar as raízes da perspectivação conceptual por elas assumida?

Trata-se, portanto, de um estudo sociocognitivo-discursivo, empírico e crítico, que combina Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2011; Soares da Silva, 2008), Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Kövecses, 2020 etc.) e a análise crítica da metáfora (Montesano; Morales-López, 2015; Muéles; Romano, 2023). Em última instância, o estudo escancara entendimentos sobre a experiência física, social, perceptual, emocional e histórica (Johnson, 1987) das narradoras, assim como ilumina práticas sociais ainda recorrentes em suas comunidades de fala.

A violência, segundo essa perspectiva crítica, molda e é moldada pelo contexto sociocultural mais abrangente e pelas práticas sociais (Sharifian, 2011; Wodack, 2002; Fairclough, 2001). Dentre essas práticas, encontra-se o sistema patriarcal¹³. Arranjos sociais chancelados pelo patriarcalismo estabelecem hierarquias que permitem aos homens dominarem as mulheres estrutural e ideologicamente e que se manifestam nas leis, na religião, nos sistemas governamentais e burocráticos, enfim, no espaço social (Hunnicut, 2009). No nível micro, essa hierarquia se manifesta nas interações sociais, familiares, organizacionais etc. Outros fatores como idade, classe social e sexualidade também influenciam o valor social e o poder atribuído a homens e mulheres.

As estatísticas da Rede de Observatórios de Segurança (2024) anteriormente mencionadas parecem indicar ser a violência produto dessa assimetria de poder, observação esta corroborada pelos estudos sociocognitivos resenhados para fins deste artigo. O fato de homens vitimizarem mulheres com a frequência assinalada (e não ao contrário) sugere ser a violência no Brasil estruturada segundo o gênero¹⁴. “As mulheres são o alvo de violências distintas em comparação a outros grupos demográficos, o que nos sugere que são o alvo exatamente devido ao seu gênero” (Hunnicut, 2009, p. 557, tradução nossa).¹⁵

4 As narradoras e as cenas de violência

Os gatilhos de busca no *AntConc* resultaram em 24 excertos com expressões metafóricas (em itálico) concernentes à metáfora conceptual VIOÊNCIA É SUJEIRA. Nesses

¹³ Sistema de organização construído e sustentado socioculturalmente que chancela a autoridade e liderança do homem (Garcia, 2015) sobre as mulheres; teve origem em questões biológicas ligadas à força masculina em detrimento do que a mulher é capaz de realizar (Learner, 2019).

¹⁴ Segundo Hunnicutt (2009) esse tipo de violência é reconhecido pelo Departamento de Justiça Americano e por outros autores que atuam na temática em outros países como o mais frequente, pois é muito mais comum a violência ser cometida por um homem do círculo familiar contra a mulher do que o contrário. O feminicídio, por exemplo, atesta o fato e geralmente se segue à violência doméstica.

¹⁵ No original: “When women are targeted in patterned ways that are distinct from other demographic groups, it suggests that they are being targeted precisely because of their gender”.

24 relatos o gatilho *noj** ocorreu 16 vezes em contextos nos quais a mulher qualificava o seu sentimento em relação ao próprio corpo, às palavras proferidas pelo homem e ao evento em si ou ao homem-agressor após episódios de assédio ou estupro. A título de exemplificação, as expressões em seu contexto incluem “*tenho nojo de mim*”; “*tenho nojo de olhar pra ele*”; “começou a *falar coisas nojentas*”; “ele era *um veio nojento*” e “me deu um tapa na bunda e disse ‘como vc tá gostosa’. *Me senti um lixo*”. Interessante notar que as menções referenciais ao evento de estupro ou assédio foram sempre genéricas: “coisa”, “isso” como se as narradoras evitassem a menção direta ao evento apesar de já o terem detalhado.

Na sequência classificatória dos gatilhos mais frequentes, aquele que se seguiu (seis vezes) foi *suja**, em expressões que também qualificavam o sentimento da mulher em relação a si própria após episódios de estupro e assédio: “o sentimento de *me sentir suja* por isso”; “nunca *me senti tão suja* como naquele dia” e “fiquei *me sentindo muito mal e suja*”.

Outra expressão relacionada aos domínios EMOÇÃO e PERCEPÇÃO, que igualmente avaliam o evento vivido e qualificam o sentimento da mulher em relação a si própria, foi “*me senti um lixo*” (recorreu quatro vezes). Por fim, houve ainda uma menção que fugiu aos gatilhos mencionados, mas que pertence ao mesmo campo semântico-cognitivo-perceptivo e qualifica os agressores: “Não tem hora, não tem lugar, não tem roupa. Tem gente escrota, *imunda!*”. “Gente”, neste caso, refere-se ao homem que impetra a violência contra a mulher. O uso do presente do indicativo (tempo, modo e aspecto verbal) aponta para a perpetuação desse atributo do homem na visão da narradora. Para fins da análise, recortamos cinco excertos:

- (1) Quando eu era criança, eu ia brincar com o filho de um vizinho da minha tia, nisso o pai dele me chamou de canto, e cmç passar a mão em mim! Quando fiquei maior e entendi o que tinha acontecido comecei *me sentir um lixo* [...]
- (2) Não consigo ter relações sexuais com meu marido pq *tenho nojo de mim* sabe o sentimento de *me sentir suja* por isso (um desses relatos meu marido sabe pq eu contei pra ele ele é super compreensivo e tenta me ajudar a superar isso, sobre esse amigo dele que morreu [...])
- (3) [...] nisso minha amiga achou estranho e se afastou um pouco e me chamou, mas até então eu não havia percebido nada, então continuei respondendo às perguntas, quando olhei pra minha amiga ela fez uma cara de horrorizada e me chamou gritando, quando olhei pro cara de novo ele estava se masturbando dentro do carro enquanto me perguntava as coisas. Nunca *me senti tão suja* como naquele dia.
- (4) Lembro-me dele no banheiro *me tocando de forma nojenta*, quando eu era ainda uma criança e ele frequentava a nossa casa todo final de semana. Desde os meus 11 anos, tenho depressão. Só tava precisando desabafar. E isso tudo fruto de uma sociedade machista e misógina, de um pai abusivo, agressivo e de uma mãe submissa.
- (5) Ele ria. *Me sinto a mulher mais suja do universo*. Se ele tivesse me roubado, como

muita gente me disse que seria pior, acho que seria até tranquilo. Se eu gritasse "ladrão" tentariam me socorrer, se eu gritasse "estuprador" não. Minha vontade até agora é de socar a cara dele. *Me sinto suja*, inútil, com vontade de jogar minha vagina fora. Sinto como se meu corpo não fosse meu.

Discursivamente, as expressões em *itálico* perfilam atributos dos domínios EMOÇÃO e PERCEPÇÃO, dois domínios abrangentes, constituídos por respostas subjetivas ao EVENTO vivido em que há um agressor, uma vítima, relações causais, sentimentos primários como o nojo e sentimentos secundários como a aversão a si própria e ao agressor. Tais expressões são ainda estruturadas cognitivamente por esquemas imagéticos e relações esquemáticas, como por exemplo, MOVIMENTO, CONTATO, EXISTÊNCIA, FORÇA e OBJETO. Como a mulher não consegue restringir os movimentos do homem ou impedir que eles existam, acaba por assumir o papel de OBJETO acessado e manipulado pelas ações do agressor (física e linguisticamente). Torna-se um CONTÊINER de agressões e de emoções, materializadas na forma de sentimentos no discurso. Dentre eles, perceber a si própria ou perceber o agressor como OBJETO ou SUBSTÂNCIA repugnante, causador de nojo, conforme a maioria dos relatos.

Cabe ainda mencionar que o esquema imagético FORÇA também estrutura as ações de manipulação e acesso ao OBJETO (a vítima) pelo agressor. Nossa experiência sensório-motora com a manipulação de objetos e substâncias restringe a gama possível de significados (Johnson, 1987) e permite que as narradoras se refiram ao EVENTO e ao agressor como “nojentos”.

Os domínios PERCEPÇÃO e EMOÇÃO são ainda elaborados, em um segundo nível, por *frames* evocados pelos relatos das mulheres-narradoras. Dentre eles, *frames sociais* em que incluímos o de INTERAÇÃO DE NATUREZA FORÇADA, DESCARTE DE MATERIAIS, REPUGNÂNCIA AO CONTATO FÍSICO, REPUGNÂNCIA AO EVENTO, NORMAS SOCIAIS e MORALIDADE (que evocam os homens-agressores e as mulheres vítimas de abuso ou assédio segundo os seus atributos percebidos e que preenchem de forma socioculturalmente convencionada os seus papéis) (Duque, 2015).

São os *frames* sociais que ancoram o domínio-fonte VIOLÊNCIA. O *frame* de EVENTO, caracteriza a cena de abuso/assédio em que uma entidade (o agressor) parte de um ponto de origem e se movimenta na direção de um ponto de referência (a mulher-vítima) até manter com ele CONTATO físico ou verbal, seu ponto de chegada (Duque, 2015). Ou seja, há um agente, uma ação, e um dano ou consequência desta ação que são os sentimentos de vergonha e desprezo por si própria e pelo homem-agressor assim como a repugnância pelas ações impetradas por ele.

O *frame* EVENTO contém ainda o *subframe* CAUSA-EFEITO, que por sua vez contém o *subframe* CAUSA DOS SENTIMENTOS RELATADOS de tal forma que certos aspectos do domínio-

fonte SUJEIRA contribuem produtivamente para a significação do domínio-alvo VIOLÊNCIA. No discurso dessas mulheres, VIOLÊNCIA é a CAUSA de EMOÇÕES como o nojo, a vergonha e o desejo de descartar a si própria em decorrência do abalo moral. Os SENTIMENTOS são o EFEITO.

Parece-nos que as mulheres participantes se percebem como transgressoras da ordem social estabelecida socioculturalmente, daí a aversão por si mesma. Em outras palavras, o *frame* MORALIDADE posiciona a mulher como infratora e faz com que ela se sinta envergonhada, enojada, visando reestabelecer a ordem instituída em que ao homem é atribuído maior valor e poder. A mulher sente-se “um *lixo*”, “enojada”, por não ter, à luz de sua perspectiva, restringido a ação do homem e impedido que o assédio e/ou o abuso sexual ocorresse. Todos esses sentimentos habitam o domínio das EMOÇÕES, acionado, dentre outros gatilhos, pelo verbo “sentir” (“comecei a *me sentir* um lixo”).

Tais *frames* são constituídos por instâncias específicas de papéis e relações que remetem ao foco da conceptualização em VIOLÊNCIA É SUJEIRA e que estruturam os domínios fonte e alvo. Os seguintes aspectos encontram-se neles perfilados: SUJEIRA — objeto ou substância a serem jogados fora após o uso; mulher é OBJETO; EVENTO É CAUSA DE EMOÇÕES; os papéis de agressor e de vítima dominada pelo agressor contra a vontade (física e verbalmente). Todos esses mapeamentos encontram-se resumidos no Quadro 1. Eles demonstram como o domínio-fonte SUJEIRA contribui com a significação do domínio-alvo VIOLÊNCIA.

Os excertos ilustram também o nível individual dos *espaços mentais*, constituído por instâncias específicas de papéis e relações que contribuem com a significação das expressões em itálico no *corpus*; são eles sujeira, vergonha, abalo moral, abuso sexual, assédio, causas dos sentimentos e do sofrimento psicológico, resistência, denúncia.

Quadro 1. Mapeamentos de VIOLÊNCIA É SUJEIRA à luz do *corpus*

SUJEIRA	VIOLÊNCIA
Objeto ou substância a serem jogados fora após o uso	Mulher manipulada e abusada física, visual e verbalmente pelo homem
Objetos ou substâncias causadores de repugnância	Corpo da mulher; ações verbais e físicas do agressor; agressor
Lixo	Mulher; ações verbais e físicas do agressor; agressor
EVENTO	Abuso ou assédio; CAUSA das emoções relatadas; FORÇA de COMPULSÃO e CONTATO
SENTIMENTOS	EFEITOS; FORÇA RESULTANTE das ações do agressor

Fonte: Elaboração própria.

Em (1), a narradora posiciona-se como vítima de abuso sexual quando ainda adolescente, ao narrar as investidas do vizinho da tia contra si própria. Tais ações ativam

os domínios da EMOÇÃO, ou uma reação instintiva à situação de VIOLÊNCIA, assim como o da PERCEPÇÃO, em que os sentimentos relatados fazem dela um OBJETO ou SUBSTÂNCIA semelhante ao lixo, que após o uso pelo homem (o manipulador) deve ser jogado fora. Os espaços mentais abertos abrangem o abuso sexual, o sofrimento psicológico, sujeira e desprezo por si própria, os EFEITOS do EVENTO. Esses sentimentos são estruturados pelos *frames* INTERAÇÃO DE NATUREZA FORÇADA em que há um agente agressor com FORÇA DE CONTATO e uma vítima de sua ação; EVENTO; CAUSA-EFEITO; REPUGNÂNCIA AO CONTATO; DESCARTE DE MATERIAIS.

Pode-se ainda citar os *frames* MORALIDADE E NORMAS SOCIAIS que emergem do contexto sociocultural e guiam a perspectiva da narradora (Langacker, 2008). Para ela, como na ocasião do EVENTO não sabia ainda categorizar as investidas do vizinho (“era uma criança”), a ação do agressor é potencializada assim como a visão de si mesma como um “lixo”. Na dimensão pragmática do não dito, ela parece sinalizar um sentimento de desconformidade com o próprio comportamento, à luz das normas sociais e de um código moral que esperaria dela uma FORÇA DE RESTRIÇÃO ao EVENTO, para evitar que ele existisse. Outra pista linguística a destacar é o aspecto verbal (“comecei me sentir um lixo”). O imperfectivo sinaliza a continuidade da aversão por si mesma. Não há um marco para o desdobramento do EVENTO ou para esse sentimento. A conclusão é que o sofrimento psicológico se perpetua através do tempo.

Em (2), a narradora relata o estupro sofrido por ação de um grande amigo do marido que acarretou, tal qual em (1), a perspectivação de si mesma como material que após usado, gera forte repugnância ou aversão (“*tenho nojo de mim*”; “*o sentimento de me sentir suja por isso*”). Essa aversão é sustentada principalmente pelos *frames* INTERAÇÕES FÍSICAS FORÇADAS, REPUGNÂNCIA AO CONTATO FÍSICO; REPUGNÂNCIA AO EVENTO; DESCARTE DE MATERIAIS. Sendo a narradora casada com um amigo do agressor, ao não conseguir restringir a ação dele (FORÇA DE BLOQUEIO), passa a perspectivar o ato sexual com repugnância e a perceber-se como “suja” frente ao marido e às normas sociais. A aversão ao seu próprio corpo e ao contato físico são EFEITOS do EVENTO. Sublinha-se mais uma vez o aspecto verbal dos proferimentos: iterativo (“*tenho nojo de mim*”). Ou seja, são sentimentos sustentados através do tempo. Os espaços mentais acionados no discurso incluem estupro, abalo moral, sujeira e repugnância.

Com nuances ligeiramente diferentes, o roteiro se repete nos excertos (3) e (4). Nesses casos há assédio verbal e viso-sexual. Perguntas à primeira vista inocentes, que teoricamente se prestariam à função de solicitar informações, serviram de fato para excitar sexualmente o agressor e levá-lo a se masturbar na frente da narradora e da amiga. Mais uma vez, o *frame* INTERAÇÕES VERBAIS FORÇADAS, DESCARTE DE MATERIAIS, MORALIDADE e NORMAS SOCIAIS estruturam a significação e a construção de si que faz a narradora: “*me*

senti tão suja".

O agressor viola as normas sociais vigentes ao se masturbar em um espaço público, em frente a duas mulheres. No entanto, quem se sente "suja" é a narradora, em uma aparente inversão de papéis. Não nos parece ser factível imaginar uma mulher se masturbando em rua pública ao pedir informações a um homem. Desse modo, julgamos que o *frame* ASSIMETRIA DE PODER também estrutura o espaço mental de abalo moral ou imoralidade.

Em (4), surge outra ação impetrada por um homem do círculo de amizade da família. O relato representa discursivamente as recordações do abuso sexual sofrido pela narradora quando ainda adolescente. A PERCEPÇÃO da cena pela narradora perfila as ações do homem como "nojentas" e causadoras de danos psicológicos irreversíveis ("desde os meus 11 anos, tenho depressão"). Os *frames* que sustentam a significação incluem INTERAÇÕES FÍSICAS FORÇADAS, MORALIDADE, NORMAS SOCIAIS e DESCARTE DE MATERIAIS. Diferentemente das narrativas anteriores, a (4), assim como outras no *corpus* de Silva (2021), indicia a função maior deste grupo de *Facebook*: um espaço de conscientização e resistência contra uma cultura machista e misógina, palavras usadas pela própria narradora.

Ou seja, o grupo fechado de *Facebook* constitui-se como muito mais do que um espaço para compartilhar experiências. A rede configura-se também como um espaço de denúncia na luta das mulheres contra a violência verbal, visual e sexual, impetradas pelo homem e sustentada pela cultura patriarcal ainda vigente na sociedade brasileira. De certa maneira, nos espaços inferenciais acionados flutuam proferimentos como "não quero ser submissa como a minha mãe" ou "não quero me submeter em silêncio ao machismo estrutural". Ao mesmo tempo, tal qual em (3), os espaços mentais abertos incluem abuso sexual, sofrimento psicológico, sujeira, nojo, abalo moral.

Por fim, o excerto (5) não só narra um estupro, mas também a insensibilidade do homem para com a violência impetrada contra a narradora. O mesmo riso que o EVENTO provocou no agressor, acarretou o sentimento de sujeira na vítima ("*me sinto a mulher mais suja* do universo"). De um lado, há diversão; de outro, sofrimento psicológico e moral. A assimetria nas relações de poder entre o homem e a mulher fica explícita no contraste de atitudes. Os *frames* de MORALIDADE, NORMAS SOCIAIS, INTERAÇÃO OU CONTACTO FÍSICO FORÇADO, ASSIMETRIA DE PODER e PEJORIZAÇÃO estruturam a significação.

A cena perfila ainda um atributo do domínio-fonte SUJEIRA que já apareceu em excertos anteriores: o descarte de OBJETOS ou SUBSTÂNCIAS deteriorados, ou sem utilidade. O OBJETO em saliência cognitiva é PARTE do corpo da mulher, a vagina. Há aqui um sistema metafórico motivado por uma relação PARTE-TODO, em que VAGINA É SUJEIRA, CORPO DA MULHER É SUJEIRA e SUJEIRA É MATERIAL DESCARTÁVEL. Em outras palavras, o corpo

da mulher é material de descarte (MULHER É OBJETO). A significação do proferimento que fecha o excerto, à luz do *frame* SENTIMENTO, perfila a assimetria de poder entre a narradora-vítima e o estuprador, pois se o corpo da narradora não pertence a ela, pertenceria a quem? Ao agressor? O contexto em que se dá o EVENTO talvez nos permita inferir que essa parece ser a resposta. Os espaços mentais abertos incluem estupro, sujeira, sofrimento psicológico causa dos sentimentos.

No nível discursivo, a conceptualização de VIOLÊNCIA se dá pela relação entre os *frames* ativados nos domínios EMOÇÃO e PERCEPÇÃO. São *frames* que expõem uma inversão de papéis, já que quem violenta não se sente “um lixo” ou “enojado”. As expressões “me sinto um lixo” e “sinto nojo” revelam que o espaço mental SUJEIRA, estruturado esquematicamente pelas noções de OBJETO, ESPAÇO, FORÇA, CONTÊINER, EXISTÊNCIA, age sobre a mulher de modo oposto ao que experiencia o violentador. Instancia relações causais que fazem da VIOLÊNCIA a CAUSA e dos SENTIMENTOS da mulher a CONSEQUÊNCIA.

Da mesma forma, o sistema metafórico MULHER É OBJETO DE DESCARTE, AÇÕES VERBAIS E FÍSICAS DO AGRESSOR SÃO OBJETOS DE DESCARTE, VIOLÊNCIA É CAUSA, SENTIMENTO É EFEITO e SENTIMENTO É FORÇA RESULTANTE indicia como essas mulheres relacionam-se com a violência contra elas impetrada e qual é a raiz da conceptualização de violência como SUJEIRA.

Considerações Finais

A conceptualização da experiência corpórea e interacional com a violência antigênero é estruturada por multiníveis metafóricos que esquematizam a relação da mulher com a violência. Em todos os 24 relatos, os esquemas imagéticos FORÇA, CONTÊINER, OBJETO, EXISTÊNCIA e MOVIMENTO são materializados linguístico-discursivamente em espaços mentais como SUJEIRA, ABALO MORAL e REPUGNÂNCIA. Isso nos sugere que não são ocorrências aleatórias, sim sugestivas da natureza cognitivo-perceptual da linguagem, já que tanto as palavras/ações do homem quanto o corpo da mulher são qualificados (ATRIBUTO) como OBJETOS/SUBSTÂNCIAS a serem jogados fora. Do mesmo modo, esses esquemas imagéticos apontam para a natureza e a raiz da violência, pois o antagonista na grande maioria dos 24 relatos foi uma pessoa conhecida.

Se o corpo da mulher é conceptualizado como um OBJETO, ele é uma região delimitada no espaço, um CONTÊINER, e um dos acarretamentos do esquema CONTÊINER é a restrição de MOVIMENTO. Se o conteúdo é um conjunto de emoções e sentimentos que restringem o MOVIMENTO da mulher literal ou metaforicamente, a situação que os gerou é percebida como aprisionadora e desagradável, de tal forma que essas mulheres são levadas a querer removê-las do espaço existencial do mesmo modo que o fazem com OBJETOS ou

SUBSTÂNCIAS em decomposição. A FORÇA exercida pelo homem (verbal, visual e sexualmente) faz com que as narradoras se sintam aprisionadas.

Embora a cultura possa exercer um papel idiossincrático na esquematização de experiências por diferentes indivíduos, na esquematização aqui proposta a cultura patriarcal parece contribuir produtivamente para o modo como as mulheres-narradoras perspectivam conceptualmente a VIOLÊNCIA. Desse modo, o presente artigo demonstra não só a plausibilidade dos esquemas imagéticos e suas extensões metafóricas a partir de uma abordagem empírica, mas também a âncora sociocultural da conceptualização (Scharifian, 2017) nos multiníveis da metáfora na sua versão contextual (Kövecses, 2020).

Nesse âmbito, julgamos ser necessário problematizar a questão da assimetria de poder sustentada pelo sistema patriarcal. Se os homens como um todo já desfrutam de um poder fincado na ordem social, por que então recorrem a essas ações contra as mulheres? Para firmar mais poder? Essa questão, como nos diz Hunnicutt (2009), é uma área cinzenta nos estudos da violência, pois é pouco provável que seja por tal razão. Segundo a autora, parece que são exatamente os homens menos poderosos que vitimam as mulheres como forma de reafirmar ou recuperar a sua “masculinidade” ou ainda, obter mais poder. Isso apontaria para indivíduos e não um todo responsável pela violência estrutural. Trata-se de um aspecto merecedor de um olhar mais profundo em estudos futuros.

No entanto, como argumentado pela própria autora e aqui por nós corroborado, mesmo assim seriam indivíduos condicionados pelo patriarcado, que se sentem apequenados frente a outros homens e que por isso vitimam mulheres. Nos relatos compartilhados e em todos os outros do *corpus*, são homens que se aproveitam de circunstâncias desfavoráveis para as mulheres envolvidas. Em oito dos 24 relatos, as vítimas eram crianças-adolescentes e estavam em território favorável ao agressor (o namorado da mãe, o vizinho esposo da cuidadora, o amigo da tia, um familiar em reunião de família ou ainda o pai de uma amiga). Em um único caso, o agressor era o pai da vítima.

Cabe ainda salientar que em quatro relatos, as mulheres-vítimas encontravam-se em movimento para casa ou para o shopping (ponto de ônibus), em horários de pouco trânsito de pessoas (à noite). Em três outros, eram subordinadas do agressor em ambiente de trabalho. Houve ainda violência (n=3) decorrente da confiança que o agressor desfrutava junto aos parceiros da mulher ou àqueles com quem ela convivia intimamente (o marido, o namorado), na própria casa da vítima ou do parceiro, situação que expõe a mulher moralmente, inibindo suas ações. Quando as circunstâncias não lhe eram favoráveis, o homem usou de FORÇA física (n=3) — “Já fui agarrada numa rua movimentada às 7 da manhã indo pra escola, em pleno inverno”; “Ele me jogou no chão e me estuprou. Sangrei

e chorei, mas ele acabou rápido”.

Ou seja, a diferença de idade, a posição institucional e social do homem lhes assinala poderes distintos dos das mulheres nas narrativas. São fontes diferenciadas de FORÇA contra um alvo que em 34% dos casos era formado por meninas ainda sem autonomia e sem consciência sexual. A essas se juntaram aquelas que se julgavam em território “seguro” (a própria casa, a casa do namorado ou um show com inúmeras pessoas ao redor). Exatamente essa segurança ilusória exerce FORÇA contra elas, tornando-as vulneráveis e potencializando o poder do homem. No caso da violência verbal, como apontado por Elisifa (2016), o mesmo acontece, pois o propósito do agressor é deixar a mulher desconfortável frente às normas sociais que ditam como lidar com a sexualidade e assim enfraquecê-la para dominá-la. Ou seja, deparamo-nos com uma reprodução da dinâmica entre dominadas e dominadores (Bandeira, 2014; Carneiro, 2014; Vanin *et al.*, 2018; Ferreira da Costa *et al.*, 2022).

Os dados indicam ainda ser a violência contra a mulher produto do gênero, pois as mulheres-participantes foram vitimizadas exatamente por serem mulheres (oito delas meninas). Por mais que reconheçamos os grandes avanços na igualdade entre gêneros e no suporte legal que a sustenta, os dados falam *per se*. Na complexa dinâmica que caracteriza o exercício e detenção do poder, o patriarcado ainda é um “terreno de poder”¹⁶ (Hunnicut, 2009, p. 555) em nossa sociedade.

Sublinhando essa interpretação, a metáfora VIOLENCIA É SUJEIRA funda-se na metáfora CAUSAS SÃO FORÇAS, que, por sua vez funda-se no entendimento de que EVENTOS SÃO CAUSAS (Lakoff; Johnson, 1999). A categoria radial de *causação* proposta por Lakoff e Johnson (1999) envolve tanto a causação permitida (“*enabling causation*”) quanto a causação emocional (“*emotional causation*”), categorias que parecem ir ao encontro das circunstâncias anteriormente elencadas, já que um dos domínios é a EMOÇÃO. A mulher sofre mudanças físicas e psicológicas (sinalizadas pelo uso contínuo do verbo ‘sentir’) após ser manipulada pelo homem e por FORÇAS CONTEXTUAIS que assumem função de CAUSAS. Essas duas categorias de *causação* parecem explicar a conceptualização de si própria da mulher, do homem e das palavras sexualizadas e pejorativas por ele proferidas como OBJETOS/SUBSTÂNCIAS à luz dos *frames* INTERAÇÃO SOCIAL FORÇADA, INTERAÇÃO FÍSICA FORÇADA e REPUGNÂNCIA AO CONTATO FÍSICO E VERBAL.

Portanto, são narrativas cujos efeitos cumulativos (heterogêneos e distribuídos) por parte de homens e mulheres encontram-se culturalmente situados no contexto macro do discurso (Scharifian, 2017). Sem discriminar ou valorar um tipo de violência sobre outro, os aqui referenciados (violência física, visual, verbal sexualizadas) vão ao encontro da definição de violência proposta pela ONU (1993). Todas acarretam sofrimento psicológico

¹⁶ No original “terrain of power”.

e abalo moral. Restringem o movimento da mulher. Subjugam o controle de seu corpo à vontade do homem, humilhando-a e não lhe oferecendo apoio legal e social suficientes para inibi-las.

Fechamos assinalando que a Teoria dos Multiníveis e Contextual da Metáfora (Kövecses, 2020) contribuiu para que chegássemos a essa âncora cognitiva-perceptual da metáfora em análise. Trata-se de um viés teórico-metodológico que nos possibilitou escancará-la assim como as mencionadas relações de poder. Em última instância, proporcionou o suporte metodológico para que este artigo funcione como uma ação política e moral, pois ao analisar a supracitada metáfora, joga luz sobre as desigualdades sociais, políticas e de poder que ainda persistem no cotidiano brasileiro no que tange às mulheres, cujas vozes são silenciadas pelo sistema patriarcal (Cisne; Santos, 2018; Valle, 2022).

Anti-gender violence from a critical sociocognitive perspective

Abstract

This study analyzes the violence is dirt metaphor in 24 personal accounts posted on Facebook, by women victims of anti-gender violence. To this purpose, it examines them considering the sociocognitive-discursive (Kövecses, 2020; Muéles; Romano, 2023) and critical approach (Romano, 2018; Musolff, 2016) to metaphors. The question it aims to answer is "how do narrators relate to the violence they had experienced, based on the linguistic-discursive clues that triggered the violence is dirt metaphor? According to the analysis, the mental spaces that are opened in online discourse are structured by the emotion domain and by frames of causal relations. They are materialized in the women's discourse as primary feelings such as disgust and secondary feelings such as self-loathing. The women perceive themselves or the aggressors as disgusting, disposable objects or substance. The adopted theoretical framework exposes power relations rooted in the patriarchy system and shows that Facebook is also a sociopolitical space of resistance.

Keywords: Multi-level view of metaphor. Anti-gender violence. Perspectivization. Facebook

Referências

ÁLVARO, P. T. Self e ponto de vista na linguagem da violência de gênero: uma análise semântico-cognitiva de relatos femininos em 1ª pessoa. **Cadernos do CNLF**, v. 11, n. 3, p. 2315-2334, 2017. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/tomo2/0171.pdf. Acesso em: 03 mar. 2024.

ANTHONY, L. **AntConc (Versão 3.2.4)** [Computer Software]. Tokyo: Waseda University, 2012. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em: 05 mar. 2018.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449-469. mai./ago. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BARRETO, H. F. **Brasil tem o maior número de feminicídios desde que o crime foi tipificado**. São Paulo: UOL, 08 de mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/03/08/brasil-tem-maior-numero-de-feminicidios-desde-que-o-crime-foi->

[tipificado.htm?cmpid=copiaecola-](#). Acesso em: 22 abr. 2024.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Referendo na medida cautelar na arguição de descumprimento de preceito fundamental 779**. Relator: Ministro Dias Toffoli. Distrito Federal. 15 de mar. 2021. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=755906373>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 3.071, 01 de janeiro de 1916. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, Distrito Federal: Presidência da República. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=3071&ano=1916&ato=c160zYE1UNnRVTa37>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BERBER SARDINHA, T. Metáforas e Linguística de Corpus: metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 27, n. 1, p. 01-20, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502011000100001>. Acesso em: 02 nov. 2023.

CALDEIRA, B.; SILVA, A. O; SALIÉS, T. G. **Violência é caça: a violência contra mulher na visão multiníveis da metáfora conceptual**. *E-book I CONEL*. Campina Grande: Realize Editora, 2020. V. 2, p. 11-22. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/71958>. Acesso em: 14 ago.2023.

CAMERON, L. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. **Discourse & Society**, v. 18, n. 2, p. 197-222, mar. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957926507073376>. Acesso em: 03 abr. 2023.

CARNEIRO, M. F. **Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva**. 2014. 303f. Tese (Doutorado em Linguística) — Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8920>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

DE LA ROSA, V.; LAZARO, L. M. How women are imagined through conceptual metaphors in United Nations Security Council Resolutions on women, peace and security. **Journal of Gender Studies**, v. 28, n. 4, p. 373-386, May. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09589236.2017.1331844>. Acesso: 11 nov. 2023.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i39.902>. Acesso em: 11 nov. 2023.

ELISIFA, Z. Forms of direct linguistic violence against women in secondary schools in Tanzania: a case of Dar es salaam region. **International Journal of English Language, Literature and Humanities**, v. 4, n. 3, p. 554-571. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.24113/ijellh.v4i3.1259>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA DA COSTA, A.; SOUZA, R. de; SILVA, L. Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher. **Revista Coralina**, v. 4, n. 1, p. 94-108. 2022.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. **The linguistic society of Korea: linguistics in**

the morning calm. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982.

HUNNICUTT, G. Varieties of patriarchy and violence against women: resurrecting “patriarchy” a theoretical tool. **Violence Against Women**, v. 15, n. 5, 2009. Disponível em: <http://vaw.sagepub.com/cgi/content/abstract/15/5/553>. Acesso em: 02 nov. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência 2019**: Fórum de Segurança. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 20 jul. 2023.

JOHNSON, M. **The meaning of the body**: aesthetics of human understanding. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z. **Extended metaphor theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781108859127>. Acesso em: 10 nov. 2023.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**, v. 28, n. 2, p. 321-347. mar. 2017. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/journals/cogl/28/2/article-p321.xml>. Acesso em: 05 mar. 2023.

KÖVECSES, Z. **Where metaphors come from**: reconsidering context in metaphor. New York: Oxford University Press, 2015.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>. Acesso em: 08 jan. 2024.

LINDE, C. **Life stories, the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

MONTESANO, N.; MORALES-LÓPEZ, E. Multimodal narrative as an instrument for social change: reinventing democracy in Spain – the case of 15M. **Critical approaches to discourse analysis across disciplines** (CADAAD), v. 7, n. 2, p. 200-219, 2015.

MUELES, M.; ROMANO, M. Changing socio-cognitive frames through anti-gender-violence metaphors in Spain: a multimodal metaphor analysis. **Matraga** v. 30, n. 59, p. 254-283. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/issue/view/2882>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MUSOLFF, A. **Political metaphor analysis**: discourse and scenarios. London: Bloomsbury. 2016.

MUSOLFF, A. Metaphor scenarios in public discourse. **Metaphor and Symbol**, v. 21, n. 1, p.23-38, 2009 [2006]. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327868ms2101_2. Acesso em: 08 jan. 2024.

OAKLEY, T. Image schemas. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. 2012. p. 214-235. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199738632.013.0009. Acesso em: 09 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher**, “Convenção de Belém do Pará”. 1994. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/mandato/basicos/belemdopara.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor and Symbol**, v. 22, n.1, oct. p. 1-39. 2007. Disponível em: https://www.lancaster.ac.uk/staff/eaes/Pragglejaz_Group_2007.pdf. Acesso em: 25 abr. 2020.

REDE DE OBSERVATÓRIO DE SEGURANÇA. **Elas vivem – Feminicídio e violência contra a mulher**. NEV – Núcleo de Estudos da Violência. São Paulo: Universidade de São Paulo, 07 de março de 2024. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/category/feminicidio-e-violencia-contra-mulher/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ROMANO, M.; PORTO, M.D. ‘The tide, change, nobody can stop it’: Metaphor for social action. **Discourse & Society**, v. 29, n. 6, p. 655-673. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957926518802914> Acesso em 08 jan. 2024.

SHARIFIAN, F. **Cultural conceptualizations and language**: theoretical framework and applications. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2011.

SHARIFIAN, F. **Cultural linguistics**: cultural conceptualization and language. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2017.

SALIÊS, T.; SOARES DA SILVA, A. Interrelações entre linguagem, cultura e cognição em contextos de uso: complexidade e vieses transdisciplinares. *Matraga* v. 20, n. 59, p. 225-238. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/74867/46385>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, A. V. Q. *Modelos cognitivos no processo de categorização de VIOLÊNCIA: estruturas e processos evidenciados no discurso da mulher*. 2021. 101f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/20259> Acesso em: 10 jan. 2024.

SOARES DA SILVA, A. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 1, p. 49-81, jan/jun. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2480> Acesso em: 01 jun. 2020.

VALLE, G. V. **Interações através de comentários no YouTube frente à temática do feminismo**. 2022. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58268/58268.PDF>. Acesso em: 05 nov. 2023.

VANIN, A.; PRESOTTO, L.; GOMES, G.; SALGADO, A.R. Dominar o corpo da mulher é violentá-lo: a progressão metafórica no texto “Os 18 vendilhões”, de Eliane Brum. **Scripta**, v. 22, n. 45, p. 191-204, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/17155/13832>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VILLAR, M. S.; HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2^a. Edição. 2009.

WODACK, R. Aspects of Critical Discourse Analysis. *Zeitschrift für Angewandte Linguistik* (ZfAL). v. 36, n. 1, p.5-31. 2002.